

A IMPRENSA COMO ATOR POLÍTICO: UMA ANÁLISE DOS PASQUINS REPUBLICANOS APÓS A DISSOLUÇÃO DO GABINETE LIBERAL DE ZACARIAS DE GÓIS E VASCONCELOS

Sávio Medeiros Liittig¹

Resumo:

Na presente comunicação, temos por objetivo analisar e encontrar similaridades na estratégia utilizada pela imprensa republicana brasileira, tanto na contestação ao monarquismo, como na exaltação do sistema republicano. Para isso, investigamos alguns impressos da segunda metade do século XIX, sendo eles o jornal amazonense *Argos*, *O amigo do povo*, do Piauí e *A República*, da Província de Pernambuco. Nos concentramos no cenário político brasileiro após a dissolução do gabinete liberal de Zacarias de Góis e Vasconcelos, ocorrido em 1868 e na criação do Partido Republicano, dois anos depois. Essa análise foi embasada pela instrumentalização do *discurso*, empregada por Foucault, para compreender as diferentes narrativas republicanas e seu campo de disputa, no *método decisional*, relatado por Perissinoto e Codato, para entender quem eram os agentes por detrás desses discursos e no conceito apresentado por Charaudeau, denominado *discurso propagandista*, que visa entender as estratégias desses agentes, ao fazer com que os leitores desses jornais aderissem suas visões e opiniões, tanto do sistema monárquico, quanto do republicano.

Palavras chave: Imprensa. República. Jornais. Monarquia. Elites políticas.

Abstract:

In this presentation we aim to analyze and find similarities in the strategy used by the Brazilian republican press, both in the contesting of the monarchism and in the exaltation of the republican system. For that, we investigated printed materials from the second half of the 19th century, being them the *Argos*, an amazonense newspaper, *O amigo do povo* of Piauí, and *A República* of the Province of Pernambuco. We focused on the Brazilian political scene after the dissolution of the liberal cabinet of Zacarias de Góis and Vasconcelos, which occurred in 1868, and the creation of the Republican Party two years later. This analysis is based on the instrumentalization of the *discourse*, applied by Foucault to understand the different republican narratives, and their field of dispute in the *decisional method* reported by Perissinotto and Codato is used to understand who were the agents behind these speeches, and also the concept presented by Charaudeau, denominated *propagandist discourse*, intend to understand the strategies of those agents by making the readers of the newspapers agree with their views and opinions of the monarchy, and also, of the republican system.

Keywords: Press. Republic. Newspaper. Monarchy. Politics Elite.

Desenvolvimento:

Em 1868, o que se percebe é um forte desgaste do cenário político imperial com a queda do gabinete liberal de Zacarias de Góis e Vasconcelos. Esse episódio se dá, em tal medida, pela insuficiência do regime em conseguir conciliar os apelos liberais por

¹ Graduando em história pela Universidade Federal do Espírito Santo – UFES.

mudanças na estrutura imperial. Essa quebra de confiança dos políticos liberais com as ações do imperador D. Pedro II, torna de difícil possibilidade uma reconciliação. Com isso, é nítido um distanciamento desses indivíduos do sistema de poder brasileiro, que, impossibilitados de terem suas reivindicações atendidas, começam a perceber na ordem monárquica um regime de insuficiência.

A dissolução do gabinete de Zacarias expressa a estratégia do Imperador em tentar suprimir os apelos dos políticos liberais, atendendo essas reivindicações através de gabinetes de políticos conservadores. Com isso, freia-se mudanças muito abruptas ao sistema monárquico. Nesse período, estava em voga algumas demandas como o elemento servil, a Guarda Nacional, a lei eleitoral e a lei de Reforma do Código de Processo Criminal, ou também conhecida como lei de 3 de dezembro. Trocar um ministério por outro, foi considerado pelos políticos liberais como uma traição, uma elevação da vontade pessoal do Imperador em detrimento dos anseios que pediam uma reformulação nas bases do sistema monárquico.

Ressalto que não é possível falar em uma *Elite*, e sim em *Elites*,² sendo que dentro da própria camada de políticos liberais, há abolicionistas, monarquistas ou republicanos. São lutas diferentes, mas que possuíam um antagonista em comum, fazendo com que estratégias fossem articuladas para minar os componentes simbólicos da monarquia brasileira. E nesse intento, os jornais foram instrumentos articulados, e mesmo que vários desses jornais tiveram uma duração curta, contribuíram para a propaganda de uma visão ultrapassada do regime brasileiro.

Percebe-se uma diferenciação na formação intelectual dos atores que figuraram a cena política brasileira após os anos de 1850, com relação aos que os antecederam. Com a inexistência de faculdades em território nacional até a criação dos cursos superiores de direito em 1827, era comum buscar uma instrução na Universidade de Coimbra, em Portugal. Com isso, diversos políticos que tiveram significativa importância na primeira metade do século XIX, obtiveram seus estudos nessa instituição de ensino. Assim, os políticos brasileiros que figuraram a cena na primeira metade do século XIX, se formaram com uma educação homogeneizante, tendo como polo unificador a Universidade de Coimbra.³

² Cf. MILLS, Charles Wright. **A elite do poder**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

³ CARVALHO, José Murilo de. **A construção da ordem: a elite política imperial. Teatro de Sombras: a política imperial**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008, p. 70.

Com a criação dos cursos de direito em São Paulo e em Recife, em 1827, essa homogeneização se dissolve, abrindo espaço para debates e influências de correntes de pensamento diversas. Nessas duas instituições, percebe-se uma confluência de novas ideias científicas e filosóficas, com destaque para o Positivismo e o Evolucionismo, que serão preponderantes no pensamento dos políticos formados por essas duas faculdades de direito. Sendo assim, essas novas filosofias, usadas como propostas para pensar o contexto da época, assinalam que as sociedades deveriam rumar ao desenvolvimento, numa marcha em direção ao progresso. Essas ideias serão assimiladas para criar uma geração de bacharéis e políticos contestadores a ordem vigente, que viam no sistema monárquico um sinônimo do atraso, um empecilho para a evolução natural brasileira.

Constituiu-se assim a conjuntura formada da época. Indivíduos que estavam alijados do poder, e que, influenciados por teorias europeias, através dos estudos tanto na Faculdade de São Paulo, quanto na do Recife, começaram a se opor a determinadas estruturas do Império. Por não serem atendidos, esses indivíduos, iniciam lentamente a formação de grupos republicanos por todo o território nacional. E é através da imprensa, que se moldará a propaganda opositora ao regime, a imprensa republicana.⁴

Partindo para a análise das fontes, o periódico *Amigo do povo*, editado por David Moreira de Caldas, em Teresina no Piauí era distribuído de forma gratuita para quem soubesse ler, circulando de 1868 até 1871. A monarquia nesse jornal é representada da seguinte maneira:

Há uma têa enorme que nos enreda desastradamente desde o Amasonas até o Prata: a isto chama-se politicamente – governo monarchico representativo! [...] Pobre paiz, coberto de têa de aranha!... Ficarás esteril de todo, completamente improdutivo, – se continuares a fazer nesse miseravel estado que nos denota o menos preço com que tens sido tratado por aquelles mesmo que deverão promover a tua prosperidade.⁵

Em *Amigo do povo*, a monarquia é apresentada sendo comparada a uma teia de aranha, que não só representa algo velho, ultrapassado e desgastado, como também algo que atrapalha e impossibilita o movimento em direção a prosperidade. Nele, também é apresentado à população como sendo moscas que sempre caem nas teias emaranhadas pela monarquia. Nesse momento, a República passa a ser apresentada como uma possível

⁴ Cf. ALONSO, Ângela. **Ideias em movimento**: a geração de 1870 na crise do Brasil-Império. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

⁵ CALDAS, David Moreira de. Imperio das aranhas e das moscas. **O Amigo do Povo**, Teresina, 24 abr. 1869, a. 1, n. 18, p. 1.

solução aos limites do sistema monárquico, pondo fim a esse império de aranhas e moscas. Contudo, no ideal de David Moreira, ela teria participação efetiva da população, pois:

Quando cessará o estúpido zum-zum desse mosqueiro ignobil que se deixa atrahir por uma podridão qualquer, apenas confeitada com um resaiibo de mel.....de mel fabricado sabe Deos como?.. Quando finalmente deixaremos de ser um imperio de aranhas e de moscas? Responda o povo, com as armas nas mãos, quando razões forem escusadas!⁶

De modo semelhante foi a propaganda republicana em outro periódico, o jornal *Argos*, que circulou na Província do Amazonas entre os anos de 1870 a 1872, editado por J. M. de Farias. Na sua edição número 77, a monarquia foi apresentada “*emquanto existir um Bragança ou Bragancinho no Brasil sempre veremos o est dessa [...] toda a qualquer classes corromper-se devido a forma de governo que rege o Brasil*”.⁷ Além disso, a Monarquia é associada no mesmo veículo a um regime europeu, enquanto a República é definida como sendo de caráter americano, tendo como exemplo os Estados Unidos. Ou seja, todo brasileiro deveria ter a noção de que é americano, e dessa forma, querer para o seu país um regime que represente nosso continente, livre de qualquer amarra europeia.

Comparado com o periódico *Amigo do povo*, *Argos* também vê na participação popular um possível caminho que levaria a implementação do regime republicano. Segundo a matéria:

Porém, se estes jornaes não forem suficientes para faser vingal-a, temos o meio mais dicisivo, a revolução. [...] Avante, Cidadãos! Não trepideis um só momento. Trabalhai e esforçai-vor para que desapareça de solo brasileiro essa ave de rapina que ha muito nos persegue e chama-se – monarchia!⁸

Importante destacar a utilização da palavra revolução como um caminho para a República. Como dito, as adesões a essa causa sempre foram diversas, além de também serem diversas as formas propostas para implementação da República, dando para perceber que, ao longo do tempo, os discursos republicanos foram se moldando, ganhando forma e se estruturando cada vez mais, se transformando em um discurso unificado de como se deveria caminhar a luta republicana. Nesse espaço da formulação de um discurso unísono, alguns outros discursos foram limitados, reduzidos ou entraram

⁶ CALDAS, David Moreira de. Imperio das aranhas e das moscas. **O Amigo do Povo**, Teresina, 24 abr. 1869, a. 1, n. 18, p. 1.

⁷ FARIAS, J. M. A monarchia no Brasil. **Argos**, Manaus, 21 abr. 1872, a. 3, n. 77, p. 1.

⁸ *Ibidem*, p. 1.

em disputa com o que se apregou vencedor, tendo no discurso republicano que deveria ser implementado pela revolução, um de suas vertentes.⁹ O que se percebe, é uma disputa de vários discursos de como deveria ser o caminho que levaria a República, sendo o caminho revolucionário e o reformista como duas visões dicotômicas para o emprego desse novo regime.¹⁰

O último jornal a ser analisado, *A República*, de Pernambuco, por se tratar de um órgão oficial do Partido Republicano de Pernambuco, percebe-se uma linguagem mais refinada e menos polvorosa, como nos outros periódicos acima, De uma forma oposta ao jornal *Argos*, que se fala em revolução caso a República não chegue, o jornal *A república* demonstra ser mais brando, nele, a implementação republicana é descrita:

Como cremos que o povo deve, com o seu valioso concurso, apoiar a edificação da monumentosa obra da regeneração social Brasileira os architectos dessa obra esperam ser auxiliados por todos os homens livres, que estiverem desenganados e cansados de esperar beneficios do systema, que actualmente governa o Brazil.¹¹

É nítido então o pensamento diferente em relação à participação popular tanto de *Argos*, quanto de *Amigo do povo* para com *A Republica*. Enquanto os primeiros falam de algo mais efetivo, pegando em armas ou fazendo uma revolução, no último é apenas assinalado um apoio aos verdadeiros arquitetos do sistema republicano. o público é entendido como a soma das vontades e interesses particulares, especialmente os insatisfeitos com a Monarquia, e que, com isso, deveriam unir suas reivindicações com essas lideranças políticas, sendo eles, os republicanos, os responsáveis pelas mudanças que viriam a acontecer.

Apesar disso, é destacável uma das estratégias dos jornais da época, que realizam um diagnóstico da época e utilizam de uma linguagem científica fundamentada nos ideais de progresso e desenvolvimento, muito presente nas leituras Positivistas e Evolucionistas da época. Essa linguagem científica não é uma simples exportação europeia dessas filosofias, mas sim, uma interpretação da realidade brasileira aos olhos desses políticos, que se fundamenta em um imaginário dicotômico entre atraso e progresso. Ao criar essa polaridade, ela é instrumentalizada para se adequar a regimes políticos, em que avanços ou retrocessos são acentuados, devido ao regime em voga.

⁹ Cf. FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Editora Loyola, 2007.

¹⁰ COSTA, E. V. **Da monarquia a república: momentos decisivos**. São Paulo: Editora UNESP, 1999, p. 482.

¹¹ A REPUBLICA. **A Republica**, Pernambuco, 29 jan. 1971, a. 1, n. 1, p. 1.

Ao se pensar que toda e qualquer sociedade está numa marcha civilizacional rumo ao progresso, esse linguajar científico se apropria de determinados termos, empregando-os para justificar o atraso brasileiro, bem como fundamentar a adesão ao republicanismo. Esse linguajar visava a ação, fruto da aceleração temporal em que o país deveria se inserir, tendo na tradição um enorme empecilho. Tradição e modernidade são polarizadas de modo a representar a Monarquia e a República, em que a primeira precisaria ser sobreposta para abrir espaço para o novo que chegaria. Empregos de termos como improdutivo x prosperidade, em *Amigo do povo*, parasitas x nobres guerreiros, em *Argos*, senhorio x liberdade, em *A república*, são meios de exemplificar essa dicotomia nos campos econômicos, político e social em que a nação se apresentava.

Considerações finais:

Conclui-se que os jornais republicanos usavam de um linguajar científico, influenciado por filosofias europeias, para determinar que toda e qualquer civilização deveria rumar ao progresso. A Monarquia era representada como um empecilho, logo, enxergavam no modelo republicano, principalmente no dos Estados Unidos, uma solução viável para a decadência que o Império representava. Nesse sentido, um repertório de contestação fora criado para propagar esses ideais, polarizando os dois regimes como sendo encarnações do velho e do moderno. Fruto de segmentos políticos que estavam alijados do establishment político por não terem suas reivindicações atendidas, esses indivíduos começam a conjecturar novas formas de oposição, encontrando espaço propício nos jornais e na imprensa da época.

Referencias:

ALONSO, Ângela. **Ideias em movimento: a geração de 1870 na crise do Brasil-Império**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

A REPUBLICA. **A Republica**, Pernambuco, 29 jan. 1971, a. 1, n. 1.

CALDAS, David Moreira de. Imperio das aranhas e das moscas. **O Amigo do Povo**, Teresina, 24 abr. 1869, a. 1, n. 18.

CARVALHO, José Murilo de. **A construção da ordem: a elite política imperial. Teatro de Sombras: a política imperial**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008

COSTA, E. V. **Da monarquia a república: momentos decisivos**. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

FARIAS, J. M. A monarchia no Brasil. **Argos**, Manaus, 21 abr. 1872, a. 3, n. 77.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Editora Loyola, 2007.

MILLS, Charles Wright. **A elite do poder**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.